

MARILIA PACHECO FIORILLO

# HISTÓRIAS para pensar com a BARRIGA

Ilustrações: Cibele Queiroz

Prêmio Jabuti 1999 – Autora Revelação  
Selecionado para o Programa Cantinho de Leitura/  
GO – 2000, pela Prefeitura de Itapetininga – SP,  
pela Secretaria de Educação de São Paulo – 2003,  
pelo Departamento de Bibliotecas Infantojuvenis  
da Secretaria de Cultura de São Paulo, pela  
Fundação Luís Eduardo Magalhães para o Projeto  
de Regularização do Fluxo Escolar – 1º ao 4º ano,  
e para o Salão Capixaba – ES



Formato

**Copyright** © Marília Pacheco Fiorillo, 1998

**Gerência editorial** Cintia Sulzer

**Edição** Adriane Piscitelli

**Gerência de produção editorial** Ricardo de Gan Braga

**Projeto gráfico e diagramação** Erika Tiemi Yamauchi e Nathalia Laia

**Iconografia** Sílvio Klígin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Revisão** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),  
Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Célia Carvalho,  
Gabriela M. Andrade, Ricardo Miyake; Amanda Teixeira Silva  
e Bárbara de Melo Genereze (estagiárias)

**Coordenação comercial** Carolina Tresolavy

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Fiorillo, Marília Pacheco  
Histórias para pensar com a barriga / Marília Pacheco  
Fiorillo ; ilustrações Cibele Queiroz. -- 1. ed. -- São  
Paulo : Formato, 2018

ISBN 978-85-54010-01-0

1. Literatura infantojuvenil I. Queiroz, Cibele.  
II. Título.

2018-0189

CDD: 028.5

Julia do Nascimento — Bibliotecária — CRB-8/010142

ISBN 978-85-54010-01-0

CAE 631783

CL 811438

2018

1ª edição

Impressão e acabamento:

## Formato

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação S.A.  
Rodovia Presidente Dutra, km 136, bloco 4, Módulo 5  
Eugênio de Mello, São José dos Campos – CEP 12247-004  
Atendimento ao cliente: (011) 4003-3061  
atendimento@aticascipione.com.br  
www.coletivoleitor.com.br

# Que raiva

**E**ra uma vez uma menina que tinha quatro anos e um leão de dormir que chamava Eu. O leão era macio e cor de abóbora e, quando ela deitava, era ele quem a abraçava, assim: ela abria a boca do leão e colocava lá dentro a sua cabeça, de cabelo castanho encaracolado. Depois, pegava as patas do leão e ajeitava em torno do seu corpo, duas em volta do pescoço, duas agarrando os joelhos. E ficava bem quentinha, das orelhas aos dedos do pé, e dormia muito gostosamente.

O tempo foi passando, ela ficou maior, e nasceu um irmão. O leão estava cor de ferrugem, com as patas e as pontas das orelhas meio pretas, e o focinho meio sem cor nenhuma, de tanto gastar em abraços. A menina começava a se interessar mais por vestidinhos que por bichos moles e penugentos. Largou o coelho e os coelhinhos, o urso e o tigre, praticamente tudo que fosse de pano e não servisse para vestir. Menos o leão. O leão Eu era outra coisa: só com ele ela entrava num ponto escuro chamado sono.

Um dia, aconteceu a noite do pijama na escola. Era a primeira vez que ela dormia fora de casa, e como era inexperiente em arrumar mala, esqueceu o leão. Quando voltou, ele estava amarfanhado na cama do irmão.

A mãe fez cócegas na sua cabeça e falou:

— Você já está grandinha, até dorme fora, e está na hora de aprender a dividir as coisas. Vamos deixar o leãozinho para o seu irmão, que ainda toma mamadeira.

A primeira noite em que a menininha dormiu sem Eu foi totalmente horrível e gelada. O travesseiro não engolia sua cabeça. O lençol não abraçava seu pescoço e, quando abraçava, suas pernas escapavam para fora. Os sonhos foram ruins, cheios de monstros e ela caindo.

A menininha ficou com muita raiva. Bastante, mesmo. Ninguém jamais poderia calcular quanto.

Tramou vinganças horripilantes. Iria congelar o irmão secretamente, trancando-o na geladeira quando os pais estivessem dormindo. Iria cozinhar o irmão até ele ficar queimado e pronto para a lixeira, como acontecia com os assados da dona Teresa, quando ela errava e a mãe dizia “não tem importância, a gente ajeita”, mas jogava fora. Ia enfiar o irmão no forno, no congelador, do lado de fora da casa quando chovesse, na máquina de lavar louça, para ele ser cortado em seis lascas de prato, e depois, finalmente, iria atirá-lo no fundo do

lago onde o avô pescava, para ele ser pescado com anzol pela boca e para que suas gengivas doessem bastante enquanto ele estava morto.

E depois iria pisar nas orelhas do irmão, quando ele estivesse para ser enterrado num lugar bem frio e sem nenhum bicho de companhia, e iria pisotear as orelhas dele até que elas ficassem vermelhas e ele implorasse lá no fundo da terra: “eu vou devolver, eu vou, prometo”.

E ela nem ia ligar. E ia ficar feliz de ver a mãe chorando.

Enquanto a menininha pensava essas coisas, a raiva ia subindo, subindo... e um dia virou a coisa mais alta da sua cabeça.

Depois passou um ano inteiro, e mais outro e outro. A raiva ainda estava lá, embora a menina agora dormisse com uma boneca de quatro tranças que não trocava por nada, mesmo porque as quatro rodela de cabelo a abraçavam direitinho. O irmão tinha jogado o leão na caixa de brinquedos velhos.

Então, a oportunidade veio. Eles dois estavam sozinhos num parque, e ela pensou: “se ele cair do balanço de cabeça, morre”. Mas não conseguia empurrar mais alto, e foi buscar a raiva guardada no alto da cabeça para ver se ajudava.

Só que, em vez de focinho gasto, via nariz de feltro. Em vez de patas, quatro tranças de cordas.

Eu tinha sumido.

A raiva tinha dormido tempo demais.

Pegou o irmão pela mão, e foram tomar lanche.

...

## A gaivota cismada

**E**ra uma vez uma gaivota que perdeu a cabeça. Gaivotas são aves que voam sem pensar, incansáveis, alegres quando atravessam um oceano inteiro, mais ainda se dão uma descansadinha entre uma ilha e outra. Como comem peixes, ficam sempre perto do mar.

Pois bem: essa gaivota, em vez de continuar em frente, como suas parceiras, pôs-se a matutar.

“Eu vivo no céu, mas não sei que tamanho ele tem. Pior ainda, pois eu vivo no céu e não sei onde ele começa, nem onde acaba.”

A gaivota levantou a perna fina da pedra pontuda onde costumava sentar, no mar do Norte, abandonou a rota costumeira e natural das gaivotas e saiu na direção contrária, para pesquisar a extensão do céu.

Voou bastante, e foi parar numa savana africana. Nunca tinha visto elefantes e girafas, mas, em vez de parar para observá-los, seguiu adiante.

“Pelo que eu vejo do trecho correspondente na terra, este é um pedaço novo do céu”, a gaivota concluiu. “Portanto, devo estar indo no rumo certo, na direção em que o céu acaba.”

Voou na direção contrária à direção contrária, e foi parar na China. Viu imensas terras verdes e extensas terras poeirentas, um rio amarelo, um rio de uma cor indefinida e uma porção de chapeuzinhos em forma de vela de barco. Era tudo tão esquisito que lhe pareceu estar mesmo na pista correta, no mínimo numa pista até então inexplorada por gaivotas.

Voou mais e mais, dias e meses, sempre na direção contrária àquela que seu instinto de gaivota mandava, e chegou a uma cidade. Viu o que lhe pareciam rochas escarpadas com luzes salpicadas. Eram prédios, mas ela não sabia. Viu também marujos sem boné, branquinhos demais. Eram empregados de escritório, mas ela, conhecendo só marinheiros e pescadores, não podia adivinhar.

“Pelo que eu vejo aí embaixo, é tudo tão estranho que estou mesmo no caminho do fim do céu.”

E continuou sua jornada, voando cada vez mais rápido, pois estava contente com as novas paisagens que descobria, não pela beleza das paisagens, porque ela mal prestava atenção nelas, mas porque achava ter finalmente encontrado o mapa da borda do céu.

Chegou numa terra bem ao sul, onde fazia um frio enregelante.

Homenzinhos corriam atrás de bichos, cujas peles pareciam lã grossa de capuz de esquimó. Pontas de gelo espetavam a água. Não podia ser o seu mar do Norte, porque esta ela conhecia, mas a parte líquida era bem parecida. Devia ser outro pedaço do oceano, com outras geleiras.

Voava e voava.

Dava voltas e não notava.

E por isso esqueceu de comer. Nem sempre havia água salgada embaixo das asas, nem sempre havia tempo para parar e tirar uma soneca apoiada num pé só.

Também não dormia mais. O fim do céu podia estar próximo, e ela não queria perder um minuto.

Então, foi voando de barriga vazia e muito cansada. Sempre na direção contrária. Até que desmaiou e caiu. De cabeça.

Exatamente numa pedra no mar do Norte. Pontiaguda. Tinha voltado ao ponto de partida. O formato do céu era redondo. O tamanho do céu era nenhum. O céu nunca acaba.